



Atas do IV Encontro Anual da AIM

Editores:
Daniel Ribas e Manuela Penafria



AIM

ASSOCIAÇÃO DE INVESTIGADORES
DA IMAGEM EM MOVIMENTO

Ficha técnica

Título: *Atas do IV Encontro Anual da AIM*, ed. Daniel Ribas e Manuela Penafria

Editor: AIM – Associação de Investigadores da Imagem em Movimento

Ano: 2015

Capa: www.blocod.pt

Revisão: Paulo Cunha e Filipa Rosário

ISBN: 978-989-98215-2-1

www.aim.org.pt

**OLHARES E VOZES DA MUDANÇA SOCIAL: PERSPETIVAS DA
INVESTIGAÇÃO SOBRE OS JORNAIS CINEMATOGRAFICOS EM
PORTUGAL E ESPANHA ANTES E DEPOIS DA REVOLUÇÃO E
TRANSIÇÃO DEMOCRÁTICA**

Ana Filipa C. Martins e Olivia Novoa Fernández¹

Resumo: Valiosos registos do ponto de vista histórico e objetos de estudo desafiadores quanto às linguagens fílmicas, os jornais cinematográficos são testemunhos de um paradigma de produção e acesso à informação vigente em variados países sobretudo na primeira metade do séc. XX. Em Portugal e em Espanha foram utilizados nos regimes Franquista e do Estado Novo com fins claramente propagandísticos. Mas, se em Espanha a queda da ditadura marcou a sua extinção, em Portugal a sua produção manteve-se para além da Revolução, período durante o qual ganhou até um certo fôlego. A comunicação que se apresenta dá conta de alguns aspetos da análise de um corpus de jornais cinematográficos produzidos em Portugal e em Espanha antes e depois da revolução/ transição para a democracia. A partir da leitura de um conjunto de imagens do NO-DO, do *Jornal Português* e do *Jornal Cinematográfico Nacional*, são apontadas algumas afinidades e diferenças, quer no que concerne as características dos jornais dos dois países, quer, numa perspetiva diacrónica, as suas abordagens à atualidade e aos seus atores sociais, que dão conta das evidentes transformações sociais que os jornais cinematográficos testemunham. Ilustrativo das diferentes abordagens dos jornais é o papel social atribuído à mulher que, no JCN, por exemplo, acompanha uma reconfiguração estética ao ceder a voz às protagonistas da reportagem. O olhar sobre as imagens convida ainda a um ponto de situação sobre a investigação ibérica produzida neste âmbito.

Palavras-chave: Jornais Cinematográficos, Jornalismo, Propaganda, Democracia

Contacto: fcerolm@ualg.pt, onfernandez@ualg.pt

Fruto da sua conjuntura, os jornais cinematográficos, blocos noticiosos exibidos nas salas de cinema antes das longas-metragens, foram, como é sabido, muito utilizados como instrumentos de propaganda por parte de vários regimes políticos. Pelo seu enorme valor histórico, as imagens dos jornais cinematográficos têm sido objeto de estudo em diferentes contextos académicos. As características históricas, culturais e mediáticas de Portugal e Espanha, que permitem estabelecer diferenças e semelhanças relevantes para a

¹ Investigadoras do CIAC-Universidade do Algarve.

Martins, Ana Filipa C., e Olivia Novoa Fernández. 2015. "Olhares e vozes da mudança social: perspetivas da investigação sobre os jornais cinematográficos em Portugal e Espanha antes e depois da revolução e transição democrática" In *Atas do IV Encontro Anual da AIM*, editado por Daniel Ribas e Manuela Penafria, 368-377. Lisboa: AIM. ISBN 978-989-98215-2-1.

análise destas imagens, fazem do contexto ibérico um objeto de estudo privilegiado.

No caso espanhol, podemos afirmar que Tranche e Sánchez-Biosca foram os pioneiros, com a publicação de *NO-DO: El tiempo y la memoria*, resultado de uma ampla investigação sobre o noticiário franquista. Para além deste trabalho, que permitiu descrever de forma pormenorizada as suas características e modos de funcionamento, nos últimos anos foi publicado um conjunto de investigações nas quais se estudaram diversos assuntos representados no NO-DO (*Noticiarios y Documentales*), como por exemplo a imagem do ditador Franco (Mateos 2008), a transição democrática (Matud Juristo 2009) e a mulher (Paz Rebollo e Coronado 2005; Gil Gascón e Cabeza Deogracias 2012). O interesse que estas imagens despertam, não só nos investigadores mas também no público em geral, acabou por impulsionar a Filmoteca Espanhola a levar a cabo um projeto para disponibilizar *online* todas as edições do noticiário espanhol. Também em Portugal já se deram importantes passos no sentido da recuperação e análise destes documentos e, neste âmbito, é de salientar o trabalho da investigadora Maria do Carmo Piçarra (2006). No mesmo sentido, no seio do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC), na Universidade do Algarve, tem sido desenvolvido um projeto de investigação em duas linhas, uma que traz à luz o *Jornal Cinematográfico Nacional*, outra que olha para as relações entre Portugal e Espanha na produção de noticiários, de cujos avanços se dá aqui conta.

Em termos gerais, a época dourada dos noticiários cinematográficos situa-se na primeira metade do século XX, o seu declínio deu-se sobretudo nos anos 60-70, quer porque a televisão se foi impondo como meio de comunicação de massas, quer porque entretanto os regimes que os viram nascer caíram. Se atendermos ao contexto ibérico, podemos apontar uma diferença estrutural: no caso espanhol, a ditadura desenhou todo um aparato mediático, o NO-DO, com controlo absoluto na produção e distribuição das atualidades cinematográficas. Para não competir com a RTVE, dado que se tratavam ambos de organismos públicos, a opção foi a de converter o noticiário do NO-DO num formato de revista, centrado precisamente na produção de reportagens e documentários a

partir de 1968 e até ao seu desaparecimento, com a chegada da democracia (Matud Juristo 2009). Em Portugal, o regime não deteve a exclusividade dessa produção e distribuição e, por isso, ela foi muito variada e até dispersa, tanto no período da ditadura como depois, já na democracia. O caso português é, neste sentido, interessante e particular, porque se caracterizou por uma produção variada e mais prolongada de noticiários e, embora em traços gerais a evolução do género tenha sido similar, a verdade é que a produção de atualidades cinematográficas ganhou, por altura do 25 de Abril de 1974, um breve fôlego² (Martins e Novoa Fernández 2013).

Para compreendermos os aspetos que aproximam e distanciam a produção cinematográfica de notícias nos dois países, podemos colocar em paralelo o NO-DO (1943-1981) e dois jornais produzidos em condições equivalentes em Portugal, isto é, pelo Estado, ou sob sua alçada, como foram os casos do *Jornal Português* (1938-1951), produzido durante a ditadura, e o *Jornal Cinematográfico Nacional* (1975-1977), produzido no seio do Instituto Português de Cinema.

Em termos quantitativos, observamos que a produção do NO-DO, do qual se registam 4016 edições, com cerca de 156 edições por ano, foi bastante mais intensa do que a do *Jornal Português* (JP), do qual foram produzidas apenas 95 edições, o que corresponde a cerca de 7 números por ano. Há que relembrar, no entanto, que o JP não era o único no país e que são excluídos deste paralelo todos os outros noticiários produzidos e exibidos em Portugal. Por outro lado, há que notar que o próprio JP mudou de formato e foi substituído pela revista *Imagens de Portugal* (1953-1971). Já no que respeita ao *Jornal Cinematográfico Nacional* (JCN), entre 1975 e 1977 foram produzidas 25 edições regulares, de periodicidade quinzenal, e oito especiais, dedicadas à cobertura de acontecimentos específicos, como congressos de partidos políticos.

A partir do cruzamento de perspectivas, e tomando o contexto ibérico como um todo, colocaram-se algumas questões de investigação:

2 Em ambos os países há registos de produção de jornais cinematográficos até aos anos 80, muito embora essa produção seja já muito episódica e de pouco relevo em termos de divulgação informativa.

- Como evoluiu um género que teve na sua génese uma intenção evidentemente propagandística?
- Que mudanças estéticas e de conteúdo acompanharam essa evolução?
- E como se refletiram estas mudanças no tratamento dos acontecimentos sociais que marcaram a revolução portuguesa e a transição espanhola?

As peças selecionadas para apresentação têm como ator mais ou menos central a mulher. O papel que desempenha em cada uma das reportagens é metáfora das mudanças e permanências do género cinematográfico e, também, de algumas conceções do próprio género feminino no espaço mediático.

Dos jornais portugueses foram selecionadas três peças:

1. Do *Jornal Português*, produzido durante o Estado Novo, uma notícia sobre uma exposição canina (JP nº 85), do ano 1949.
2. Do *Jornal Cinematográfico Nacional*, uma reportagem sobre uma cooperativa de operárias da indústria têxtil (JCN n.º 24) e uma notícia sobre um encontro de mulheres sindicalistas (JCN n.º 23), ambas de 1977.

Também do NO-DO foram selecionadas para análise três peças:

1. Uma notícia do primeiro número que mostra a colaboração organizada das mulheres com os soldados da Divisão Azul (NO-DO nº 1A), datada do ano 1943.
2. Uma notícia de uma exibição desportiva da Sección Femenina (NO-DO nº 17A), do ano 1943
3. E uma reportagem, já datada do ano de 1978, sobre mulheres políticas espanholas de relevo (NO-DO nº 1834).

A mulher amestrada

A notícia sobre uma exibição ginástica (NO-DO nº 17A) é paradigma de toda uma estética da propaganda fascista que o regime franquista copiou. De resto, logo no primeiro número do NO-DO há uma notícia similar, de mulheres alemãs a fazer uma exibição. O registo da participação de mulheres em desportos considerados tradicionalmente femininos projetava todo um sistema de valores destinado, especificamente, a ensinar como teriam de ser e se

comportar as mulheres espanholas. Nestas notícias sobre campeonatos de ginástica as mulheres são tratadas de forma anónima, representando a mulher espanhola que se dedica a estas atividades desportivas num gesto de amor à pátria (Gil Gascón e Cabeza Deogracias 2012). Sobre as imagens, nas quais vemos grupos de mulheres a realizarem coreografias e exercícios de equilíbrio em barra, o narrador explica: “las camaradas de todas las provincias de España demuestran su entrenamiento en juegos educativos, gimnasia rítmica y danza” (NO-DO nº 17A). A mulher é apresentada um animal amestrado, que exhibe a sua graciosidade desportiva, mas sempre com muito decoro, tanto na sua própria apresentação, como no tratamento de que é alvo. Particularmente curiosa, e diferente na forma propagandística, é a notícia do *Jornal Português* sobre uma exposição canina (JP nº 85) composta por várias imagens de mulheres acompanhadas pelos seus cães. Trata-se de uma notícia típica de *fait divers*. E não sendo uma peça especificamente relacionada com a mulher, dado que tem como tema central uma exposição canina, acaba por refletir essa mesma ideia da mulher como animal de exibição. Neste caso, o narrador, com o seu comentário, e a câmara quebram qualquer pudor. O nosso olhar é conduzido por uma panorâmica vertical que mostra a imagem de duas mulheres e se detém no plano de uma outra mulher de “rara” beleza que é comparada ao cão que passeia. A peça termina com um plano médio de uma jovem com um cão nos braços. O olhar contemplativo do espetador é dirigido pelo relato da voz *off*: “Se nós pertencêssemos ao júri é possível que a nossa atenção não estivesse só interessada com o manifesto progresso da canicultura nacional, mas sim com outros motivos de rara beleza que tivemos oportunidade de admirar. Mas apesar de tudo o cão também é bonitinho” (JP nº 85). O fundo de ambas as peças é, afinal, o mesmo: a ideia de uma mulher bem comportada e domesticada, como animal de exibição, associada, claro está, a uma ideologia de ordem e raça. E esta ideia é reforçada pela estética e o ponto de vista fílmicos.

A mulher agregadora

Um outro ponto de confluência, neste caso numa perspetiva diacrónica, podemos encontrar em duas outras peças, uma do NO-DO, outra do Jornal Cinematográfico Nacional.

A do NO-DO, no contexto da Segunda Guerra Mundial, apresenta um grupo de mulheres a preparar pacotes para enviar aos soldados da Divisão Azul (NO-DO nº1A). A outra, do JCN, de 1977, dá conta da tomada de rédeas de uma fábrica têxtil pelas próprias operárias, cujo patrão fugiu para o Brasil, na sequência do 25 de Abril (JCN n.º 24). Na primeira, o narrador comenta:

"En toda España las mujeres de la Falange se dedican con febril actividad a un simpático y agradable trabajo: la confección de paquetes individuales de aguinaldo destinados a los heroicos voluntarios de la División Azul. Manos femeninas colocan primorosamente los diversos obsequios destinados a los legendarios héroes que en las heladas tierras de Rusia conquistan nuevas glorias para la patria" (NO-DO nº1A).

Na segunda, diz-se das operárias que:

Valorizando o trabalho que incansavelmente dia-a-dia sai das suas mãos impõem-se na competição concorrencial. Estão assim à vista melhores compensações, aliás, a justa paga pelo esforço e confiança que as ajudaram a ultrapassar as muitas dificuldades criadas. Num total entendimento, usando o próprio trabalho como a sua melhor linguagem, nesta cooperativa, aliás como em muitas outras, os trabalhadores encontraram soluções para o que parecera irremediável. Exemplos como o destas 80 trabalhadoras, onde apesar dos sacrifícios as relações de trabalho e a confiança no futuro são evidentes, ajudarão o país a ultrapassar a crise que atravessa e a garantir um futuro mais justo e mais próspero para a nação. (JCN n.º 24)

Se cruzarmos as duas reportagens, não obstante os momentos históricos que cada uma delas testemunha, podemos observar a importância que os noticiários tiveram como veículos de propaganda, o que, como sabemos, foi

sempre prática em épocas de conturbadas em termos sociais. Aí o discurso estrutura-se em torno de uma mulher que é chamada a ajudar na reconstrução com as suas próprias mãos.

Ainda assim, é possível confrontar as notícias anteriores, nas quais as mulheres, abordadas como coletivo anónimo, não têm voz, a menos que gozem de uma posição hierárquica, com a referida reportagem do JCN, noticiário onde a ideia de coletivo está presente em grande parte das reportagens, mesmo as protagonizadas por homens. Ainda que não se mencione em momento algum o nome da fábrica, e que se mantenha o anonimato, o narrador cede a voz a uma das operárias que, em representação de todas, encara a câmara e diz: "Eu faço aqui um apelo, portanto, ao resto das outras cooperativas para que continue a luta, porque é uma luta muito difícil, mas vai ser nossa com certeza e pedia também, portanto, ao governo, ao governo pagar um bocadinho mais as cooperativas para que nos consigamos fazer alguma coisa"(JCN n.º 24). É certo que o discurso da mulher apenas reforça a ideia de luta e sacrifício pela nação que o narrador transmite, mas, fazendo uso do que o dispositivo lhe permite, aqui a mulher assume um papel central e fala diretamente para a câmara, mesmo que não deixe de trabalhar enquanto o faz. Aliás, a câmara não pode interromper a necessidade de construção do país.

A mulher política

Esse sentido de coletivo, no qual a mulher vai conquistando um papel que não foi, por muito tempo, o seu é visível na reportagem do JCN sobre o encontro de mulheres sindicalistas (JCN n.º 23). Nela, o narrador afirma que "Sindicalistas e trabalhadoras realçam o papel da mulher trabalhadora na economia nacional e a desproporção verificada entre o aumento dos salários e o custo de vida. De uma maneira geral, todas, mães, donas de casa, fazem contas à vida que lhes vai custando cada vez mais" (JCN n.º 23). Também é central o papel da mulher no documental do NO-DO, de 1978, sobre as mais importantes mulheres da política espanhola (NO-DO n.º 1834). E se olharmos para as duas reportagens conseguimos ver nelas o rumo diferente que este género cinematográfico foi

tomando com a transição espanhola e a revolução portuguesa, também estes caminhos diferentes para os dois países.

Embora ambos marcados já por uma linguagem audiovisual de influência televisiva, de que são característicos a entrevista direta e o ritmo da montagem, podemos encontrar no JCN uma abordagem ainda assumidamente ideológica, quer em termos políticos, quer em termos cinematográficos, como se o dispositivo tivesse sido tomado de assalto, por uma revolução, para servir agora novos ideais, o que lhe deu um novo fôlego, ainda que esse fôlego tenha durado apenas alguns anos mais, é certo. Já no trabalho do NO-DO, a mulher e a política deixam de ser representadas à luz do ideal do colectivo, mas sim como um conjunto de personalidades públicas, e o seu tratamento é alvo de uma abordagem de intenção bastante mais neutral, com maior montagem e configuração mais elaborada e conformada, consentânea com o que vem a ser o jornalismo televisivo que dita o fim dos jornais cinematográficos.

BIBLIOGRAFIA

- Costa, José F. 2002. *O Cinema ao Poder. A Revolução do 25 de Abril e as Políticas de Cinema entre 1974-76: Os Grupos, as Instituições Experiências e Projectos*. Lisboa: Hugin Editores.
- Gil Gascón, Fátima e José Cabeza Deogracias. 2012. "Pololos y medallas: la representación del deporte femenino en NO-DO (1943-1975)". *Historia y Comunicación*. Vol. 17: 195-216.
- Martins, Filipa C. e Olivia Novoa Fernández. 2012. "Revolução vs. Transición: Los Usos Políticos de los Noticiarios Cinematográficos en Portugal y España". In *Actas Congreso Internacional Hispanic Cinemas: En Transición "Cambios históricos, políticos y culturales en el cine y la televisión"*, 653-663. Madrid: TECMERIN- Universidad Carlos III de Madrid.
- , 2013. "Desvelando a memória: desafios da investigação sobre os jornais cinematográficos em Portugal". In *Actas XIII Congreso Internacional Ibercom Comunicación Cultura e Esferas de Poder, 2882-2889*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela. URL:

- <http://www.estudosaudiovisuais.org/lusofonia/>. Acedido em 30 de maio de 2014.
- Mateos Rodríguez, Araceli. 2008. *Un franquismo de cine. La imagen política del Régimen en el noticiario NO-DO (1943-1959)*. Madrid: RIALP.
- Matos-Cruz, José de. 1989. *Prontuário do cinema português 1896-1989*. Lisboa: Cinemateca Portuguesa.
- Matud Juristo, Álvaro. 2009. "La Transición en la cinematografía franquista: el NO-DO entre la nostalgia y la memoria". *Comunicación y sociedad*. Vol. XXII. Núm. 1: 33-58. URL: <http://dspace.unav.es/dspace/handle/10171/8561>. Acedido em 30 de agosto de 2014.
- Paz Rebollo, Maria A. e Carlota Coronado Ruiz. 2005. "Mujer y formación profesional durante el franquismo." *Pandora: revue d'etudes hispaniques*. N° 5: 133-145. URL: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2564574>. Acedido em 30 de agosto de 2014.
- Piçarra, Maria do C. 2006. *Salazar Vai ao Cinema — o Jornal Português de Actualidades Filmadas*. Coimbra: Minerva.
- . 2011. *Salazar vai ao cinema II. A "Política do Espírito" no Jornal Português*. Lisboa: DrelhaDesign.
- Tranche, Rafael, e Vicente Sánchez-Biosca. 2001. *NO-DO. El tiempo y la memoria*. Madrid: Cátedra.
- Reia-Baptista, Vítor. 2011. "Algumas notas sobre o Cinema Português depois do 25 de Abril de 1974". In *Novas e velhas tendências do cinema português contemporâneo*, coordenado por João Maria Mendes. ESCT, CIAC-UAlg. URL: https://biblio.estc.ipl.pt/opac-tmpl/prog/images/recortes/novas_velhas_total.pdf. Acedido em 30 de maio de 2014.
- Reia-Baptista, Vítor e Filipa Cerol Martins. 2011. "O Cinema Português e o PREC – Recuperando a Memória". In *Avança Cinema. Livro de Atas*.